

# 5ª Parte

---

Transcrições

## A história de uma casa

Antônio Olinto

Escritor e titular da Academia Brasileira de Letras

Belo e estranho romance produz a literatura brasileira neste esperado/inesperado tempo de memórias reavivadas. Vem-me ele do Ceará, chama-se *A Casa* e foi escrito por Natércia Campos. Obra-prima de uma cultura em transe, coloca desde já sua autora na primeira linha da ficção brasileira contemporânea. Não se trata de livro de estréia, pois é o quinto que publica. Filha do ótimo contista que foi Moreira Campos, lancara seu primeiro trabalho em 1987, quando já avó.

Ao adotar um ângulo novo para contar a sua história, usa também a romancista uma linguagem em tudo apropriada à originalidade de seu tema. Quem narra *A Casa* é a própria Casa (mantenhamo-la com a inicial maiúscula, personagem que é do livro). Começa por dizer: "Fui feita com esmero, contaram os ventos, antes que eu mesma dessa verdade tomasse tento." Enumera, em seguida, os materiais com que fora erguida, "os baldrames embasados nos esteios", "as madeiras de lei duras e pesadas", "cortadas na lua minguante para não vir a apodrecerem e resistirem mesmo expostas ao tempo", as "carnaúbas, os troncos do jucá, os da ibirá-una, a braúna, a madeira preta dos índios fechada à umidade por ser impregnada de resinas e tanino".

Romances são escritos com palavras. Como poemas. Como ensaios. A insistência em que a técnica vocabular, além de manuseio, aspire a uma originalidade final de feitura, vem do fato de que o homem vê sempre na palavra uma possibilidade de pura beleza, falando-a, escrevendo-a ou mesmo pensando-a. Existe em *A Casa* um padrão, um desenho geral, uma diretriz, que conduzem a narrativa numa cadência de prosa que ora se adensa, ora se adelgaça, em camadas de narração que avançam quase musicalmente e, a jeito de composição temporal, buscam situar personagens e acontecimentos num ambiente, sempre com as palavras adequadas.

O ambiente é o da Casa como tal, abrigo e palco, no acompanhamento direto dos seres que a habitam, os que fazem amor, os que nascem, os que morrem, vendo as mães e os filhos, os mártírios e as covardias, de vez em quando a Casa se perde um pouco dos sucederes dentro dela: "Nascimentos foram tantos por mim vivenciados que suas repetições me fizeram confundir as mães." Sobre as crianças, diz: "Os que sobreviviam logo revelavam seus olhos indagadores, seus movimentos repetitivos de intensa agitação e risos repentinos, agudos, que doíam nas mães muito mais do que se chorassem."

A Casa viu quando a bela Maria se suicidou, e a partir de então passou a ser mal-assombrada. Havia noites de horror que agitavam todos os passos, o mês de agosto assustava, "em dia de São Bartolomeu tem o demo uma hora de seu." O menino que nascera de testa curta foi posto em cativeteiro num quarto fechado, de lá se ouviam seus gritos inarticulados. Mais tarde a Casa o reviu já velho, cabelos brancos, barba espessa, dois homens o limpavam, cortavam-lhe as unhas que, de tão grandes, impediam que levasse a comida à boca. Avós, pais, netos, o Bisneto, as mulheres solitárias, transitórios companheiros da Casa, desfilam pelo tempo.

O romance de Natércia Campos tem um arcabouço de narrativa simbolista, no sentido mais largo da classificação, como simbolista seria a obra de Proust. Há o romance violento, o que sai dizendo coisas, gritando – e o que sugere, põe um leve gosto de música de câmara nas palavras, e deixa que o leitor imagine mais do que leia. Assim é *A Casa*, na sua exemplar tessitura de ritmo espacado, longo, de uma pungência dolorosamente lenta.

De vez em quando, vê-se cheia de crianças, meninos e meninas, com seus brinquedos, suas bonecas, seus pequenos carros, imitando os adultos, aprendendo a viver ou a desviver. E há bichos também, a preguica, os carneiros, as rãzinhas verdes, o galo de campina, a graúna, os canários e pintassilgos. Com o tempo, a Casa se afundava no terreno, em suas telhas surgiam plantas, folhas e flores a enfeitavam toda, até que um dia, gerações depois da primeira, um grupo de homens chegou, um deles disse:

"Esta casa ficará dentro do contorno da bacia hidráulica. A grande barragem será construída em torno deste remanso. A casa

irá para o fundo das águas.” A notícia foi grande alegria para a Casa: “Inundou-me, ao ouvi-lo, a mesma sensação alvissareira de quando fui tocada pela primeira chuva. Senti que renasceria submersa no fundo das águas.”

Do primeiro ao último som, *A Casa* é como um poema que ultrapassa os limites do bom gosto comum. Apresenta-se como exemplo de romance pioneiro, dono de extrema originalidade, numa linguagem sabiamente construída. Suas últimas palavras, da Casa enfim pacificada, “fluida aquarela a espriar-se refletida no cristal das águas.”, completam com precisão sua cadência de poesia bem realizada.

*A Casa* é um lançamento da Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará. Edição eletrônica de Sandro Vasconcelos, revisão de Regina Pamplona Fiúza, capa de Geraldo Jesuino.

---

OLINTO, Antonio. *A história de uma casa*. Rio de Janeiro : s.n., s.d. Disponível na internet: <<http://www.tribuna.inf.br/estante.shtm>>.